

Rebeldia e paixão

Há muitos anos, Ana Lucia Souza, teve a oportunidade de sair do Brasil para fazer o que mais queria no mundo: dançar balé clássico. Na época, nunca imaginou que na Europa encontraria tanto carinho do público e seria tão reconhecida por seu talento. Depois de ter rodado o mundo e ter passado por companhias na Alemanha e Montecarlo, seu aprendizado e paixão pela dança continuam aflorando. Mas cuidado, que a vida, mesmo no Velho Continente, não é cor de rosa, como a entrevista a seguir deixa claro.

por Jorge Colombo

**Como começou tudo e qual o motivo de ter saído de São Paulo tão nova?**

Minha primeira aula de balé seriamente falando deve ter sido por volta dos 14 anos, com o Ricardo Scheir. Depois, pouco a pouco tive a sorte de passar pelas mãos de grandes mestres da dança no Brasil, entre eles a Neide Rossi, ex-bailarina do extinto Ballet do Quarto Centenario e minha madrinha artística, Toshie Kobayashi, Andrey Kudelin e Ilara Lopez... Era louca por vídeos do American Ballet de NY e pelas obras de George Balanchine, que mais tarde executei com a mesma paixão com a qual assistia incansavelmente quando adolescente. Aos 18 anos, quando tinha acabado de sair do colégio, o Brasil, infelizmente, não oferecia muitas oportunidades para

bailarinos clássicos. Quando fui ao Seminário de Dança de Brasília, organizado por Gisele Santoro, já tinha intenções claras de seguir uma vida mais ou menos normal, prestei vestibular para jornalismo e como todo mundo da minha idade queria fazer facul, sair de fim de semana, não ter nórias de disciplina e todos esses fatores que envolvem muito a vida de um bailarino clássico. Estava um pouco desacreditada desse sonho louco de dançar em palcos europeus e ser bem sucedida... até que nesse Seminário de Dança de Brasília, que é a ponte mais conhecida para bailarinos brasileiros que tem pretensões no exterior, em especial no velho continente, havia uma senhora chamada Birgit Keil, uma grande dama na dança alemã recentemente nomeada diretora artística do Teatro de Karlsruhe.

Pelas mãos dela, meu sonho desacreditado tornou-se realidade.

Imagino que a decisão de ir embora do país não foi fácil...

Muito louco! Hoje em dia, entendo essa coisa de não ter medo de nada quando a gente é jovem quando vou a uma piscina no verão e vejo as criancinhas pulando do trampolim de 7 ou 9 metros... nao se vê um marmanjo fazendo isso! Foi muito legal ter vindo pra Europa nessa idade, tanto é que por ter passado uma parte tão marcante e mágica da minha vida na Alemanha, que vejo quase como uma terra natal também, descobri muitas coisas, aprendi e cresci muito, e nem sempre foi pelas vias simples...

continua pag.2

Mas se no Brasil temos um nível educativo de dança clássica elevado, porque você decidiu sair? Vontade de conhecer o mundo?

As escolas privadas de balé realmente têm um nível muito bom, sobretudo em São Paulo e no Rio, mas não há campo profissional. Há uns dois meses que começaram com um projeto de uma companhia de balé clássico patrocinada pelo Governo do Estado de São Paulo, uma oportunidade que há dez anos não existia. Sá no velho mundo mesmo. Fui para a escola na Alemanha porque o que ela me ofereceu foi como um ano-ponte, profissionalizante, então aproveitei para fazer audições e achar um teatro que se interessasse por mim. Embora ache que não aprendi nada na escola desta primeira bailarina alemã, que viveu maior parte de sua carreira na sombra de nossa compatriota Márcia Haydee, atual diretora artística do Teatro Nacional do Chile e um nome reconhecidíssimo na Europa, vi e vivi a tensão que rodeava aquele prédio horrível e tenho péssimas lembranças dessa fase. Fui para essa escola pela possibilidade de viver na Europa, aprender alemão e talvez conseguir um lugar ao sol como bailarina profissional.

E atualmente você mantém contato com outros dançarinos ou companhias do Brasil? Qual é o nível da dança clássica no Brasil hoje?

O nível dos bailarinos sempre foi muito bom, temos estrelas em todos os grandes teatros do mundo, mas com toda a politicagem que envolve a arte no Brasil, que infelizmente é vista como hobby, demorou muito tempo para os governantes acordarem e criarem algo como o que agora toma forma e que teve um grande investimento governamental.

Então sua trajetória na Europa começou na Alemanha, e depois?

Meu primeiro contrato foi no Teatro de Meiningen, sob direção de Xin Peng Wang, atualmente diretor artístico em Dortmund, que brevemente me nomeou solista. Foi uma grande experiência com um público apaixonado pelo balé... Foi fantástico, numa cidadezinha linda, no meio da floresta de Thuringen.

E dali você foi para onde?

Para o Stuttgart Ballet, considerada a melhor cia. clássica da Alemanha e uma das cinco melhores do mundo. John Cranko, o diretor deste Ballet, foi o primeiro a converter a maioria dos trabalhos Shakesperianos com grande êxito, nos anos 60. Depois, de lá fui para o Les Ballets de Montecarlo, em Mônaco.

E quando você se encontrou com os dançarinos do velho continente, que obviamente tem muito mais tradição no balé clássico, o que você viu?

Vi estresse em muitos deles. E até hoje é assim. Há muitos bailarinos tecnicamente bons, mas sem sentimentos. Não se deixam levar. Essa pressão toda de política, técnica... antes da arte...me incomoda. E se pode fazer arte estando livre de espírito... Sou muito mais uma escola no Brasil, onde você aprende fazendo. Se tivesse filhos que quisessem se tornar bailarinos não os colocaria em escolas na Europa... Talvez tenha sido essa metodologia louca dessa senhora Birgit que me desapontou, mas já ouvi muita coisa semelhante...

Teve algum lugar ou companhia onde você viveu o que esperava da Europa e dos profissionais?

Claro! Na Stuttgart! Vivi essa época da minha vida com toda a minha alma!

Então não é em toda Europa que a “metodologia de Birgit” é aplicada, e nem todos os dançarinos com quem você dividiu o palco são tão estressados como nessa companhia?

A “metodologia Birgit” é mais intensa ou menos intensa, depende do carácter da pessoa, mas acho que todo bailarino acaba sua carreira jovem demais, por razões físicas óbvias, e por conveniência ou acaso fica nesse mundo da dança, se frustra. Muitas vezes o ego dos Balletmaster não aceita as pessoas novas que chegam, por mais que sejam talentosas... Acho que todo Balletmaster tem uma tendência Birgit... Por isso eu prefiro fazer outra coisa, diplomacia, jornalismo, qualquer coisa, menos ficar no campo da dança, senão eu serei a próxima Birgit.

Você tem medo disso?

Eu não. Tenho certeza de que não ficarei nesse meio. Para mim, balé é legal para estar no palco e, sinceramente, é fantástico para o ego de uma pessoa ser aplaudido por não sei quantas mil pessoas. Mas balletmaster, nunca... a parada te deixa meio louca, não tem jeito. Embora todos nós sejamos mais ou menos loucos.

O que te dizem nomes como Julio Boca, Eleonora Casano, Jorge Donn ou Alicia Alonso?

Julio Bocca! Na minha adolescência, assistia a muitíssimos vídeos de balé e Julio estava em muitos deles! Mikhail Baryshnikov, Alessandra Ferri, Julia Kraemer, Jair de Moraes, Alicia Alonso, Maurice Bejart... são tantos nomes que contribuíram com essa arte tão antiga e tão esquecida. Ontem mesmo, lendo as notícias, me deparei com a morte de Ismael Guiser, um grande maestro argentino e me tocou muito. Todos esses nomes soam como inspiração para mim

Veja a Ana num [comercial](#) rodado na Alemanha.